

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria  
Aparecida  
Baccega

<http://lattes.cnpq.br/8872152033316612>

Elizabeth Moraes Gonçalves -  
UMESP





# Alguns dados de currículo

- Livre Docente em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP;
- Docente, pesquisadora e orientadora do Programa de Mestrado Comunicação e práticas de consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing SP, desde 2003.
- Professora e pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes, tendo ministrado graduação e pós-graduação stricto e lato sensu e também chefe de Departamento de 1992 a 1996, entre outros cargos.
- Fundadora e editora da revista Comunicação & Educação (USP; Paulinas) de 1994 a 2003 da qual hoje é Membro do Conselho Editorial e da Comissão de Publicação.
- Autora de artigos e capítulos de livros, tem vasta contribuição no campo comunicação e educação, além de livros, entre os quais: Palavra e discurso (Ática); Comunicação e linguagem (Moderna); Televisão e escola: uma mediação possível? (Senac); Gestão de processos comunicacionais (org.) (Atlas); Comunicação e culturas do consumo (org.) (Atlas).

# formação acadêmica

## **Primeira graduação :**

Ciências Jurídicas e Sociais - Faculdade de Direito Lauro de Camargo.

## **Segunda graduação:**

Letras. Universidade de São Paulo, USP

## **Especialização em:**

Licenciatura Em Letras Português -Universidade de São Paulo, USP

## **Mestrado**

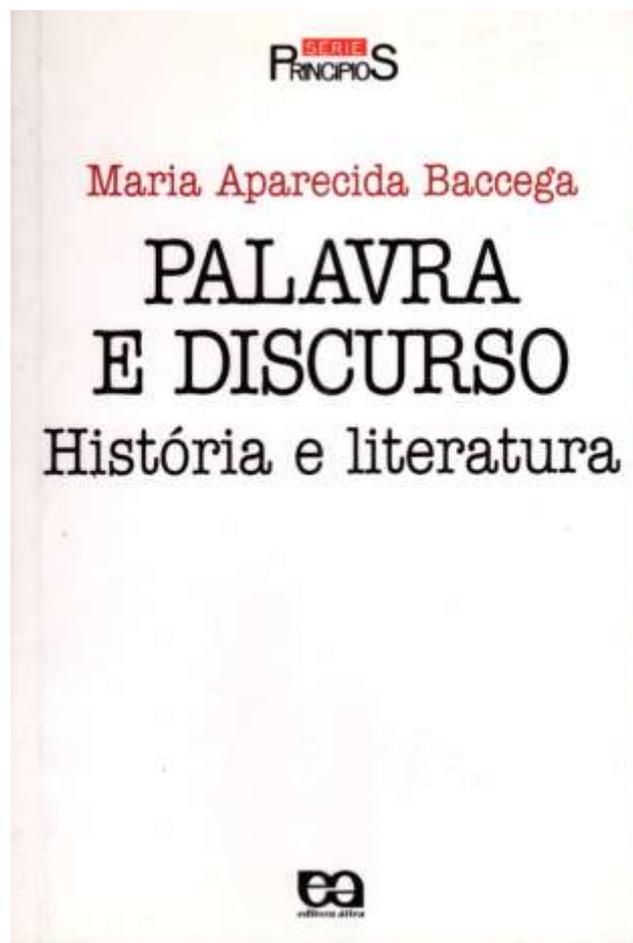
Linguística - Universidade de São Paulo, USP.

## **Doutorado**

Letras - Universidade de São Paulo.

**Livre-docência** - Universidade de São Paulo.

# A obra – série princípios da Ática, 2000.



# Bibliografia comentada

- BAKHTIN, Mikhail. 1988. *Marxismo e filosofia da linguagem; problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de Michel Lahud et alii. São Paulo, Hucitec.
- ORLANDI, Eni P. 1983. *A linguagem e seu funcionamento, as formas do discurso*. São Paulo, Brasiliense.
- PÊCHEUX, Michel. 1988. *Semântica e discurso; uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Edunicamp.
- Pêcheux, Michel. "Análise automática do discurso", in: F. Gadet e T. Hak, *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (Campinas, Edunicamp, 1990).

# Parte I

- ***Da palavra à vida, da vida à nova palavra*** — Discutir as questões relacionadas à linguagem verbal a partir de vários enfoques, entendendo-a, sobretudo, como ação humana.

# Parte II

- **Da vida da palavra nos discursos aos discursos das mudanças —**  
Mostrar, de modo sucinto, a palavra como matéria-prima nos discursos da história e da literatura, inter-relacionando-os, apontando suas divergências e convergências, revelando-os como lugares de construção do futuro.

# Objetivos da obra

- Estudar a palavra no intercâmbio da vida social, procurando mostrar a linguagem verbal como raiz dos discursos.
- Desvelar as inter-relações dos discursos e os mecanismos de construção de suas especificidades, numa dinâmica que possibilita caracterizar os discursos como iniciadores de novos processos.

# Construção de sentidos

- Este trabalho procura discutir a dimensão do processo de produção e reprodução de palavras, na procura de caminhos que indiquem a construção de sentidos novos, a reafirmação de velhos sentidos. O intercâmbio, enfim, de sentidos e de discursos, exemplificando com os discursos da história e da literatura.

# História e Literatura

- Apresentar um trabalho que se constitua em motivação para o conhecimento da literatura e da história, como suportes indispensáveis aos discursos profissionais — e pessoais. Afinal, **a história e a literatura inserem o indivíduo no universo da ciência e das artes, duas faces do mesmo ser: o homem na sua integralidade.**

# As várias faces

- “As palavras têm vida. Vestem-se de significados. Mascaram-se. Contagiam-se com as outras palavras próximas. "Dançam conforme a música", tocada no salão de baile onde estão. O salão é o discurso e é aí que elas cristalizam momentaneamente uma de suas máscaras”.

# Desafios das vozes no discurso

- Possibilitar ao indivíduo exercer sua capacidade de produzir novas ações, novas significações, portanto novas palavras (e não apenas repetir as consagradas), conduzindo a própria história.

# História, Literatura, palavra

- A raiz de tudo é a palavra - a linguagem verbal que, enquanto ação humana, constrói/reconstrói/destrói realidades.
- Cada um, junto com todos, pode ser o editor e/ou copidesque do mundo, o arquiteto da realidade.

# Relação entre os discursos

- É importante conhecer o processo pelo qual nos acercamos dos discursos (literatura e história, no caso dessa obra) para conhecê-los.
- Trata-se de um processo que envolve o sujeito e o objeto, mediados pela palavra, buscando o conhecimento de um universo pleno de palavras.

# Linguagem e ação social

- A opção por um ou outro modo de ver e, portanto, por uma ou outra palavra revela que cada indivíduo/sujeito se insere num determinado sistema de valores a partir do qual lerá o mundo, praticará ações, fará ciência.
- O homem é produto e produtor de cultura, o sistema de valores vai-se modificando, em espiral, possibilitando, assim, novas elaborações sobre a realidade.

# O processo de conhecimento

- Quando falamos em conhecimento, três elementos afloram: o sujeito que conhece, o objeto que se dá a conhecer e o produto desse processo interativo — o conhecimento — que, por sua vez, impulsiona novos processos.

# Primeira abordagem - Mecanicista

- A primeira abordagem, que é conhecida como **teoria mecanicista do reflexo**, privilegia o objeto.
- Segundo essa teoria, o sujeito é um ser passivo, cuja sensibilidade será "marcada" pelo objeto, de tal modo que o conhecimento nada mais será que um reflexo, uma cópia do objeto que se instala no conhecedor. É como se não houvesse atividade humana.

# Segunda abordagem - idealista

- Numa segunda abordagem, ressalta-se o sujeito. Trata-se do **modelo idealista**. Aqui, a realidade passa a ser exclusivamente produção do sujeito, é ele quem cria a realidade. O objeto do conhecimento praticamente desaparece. É como se a realidade deixasse de existir quando fechamos os olhos. Nesse caso, diferentemente do anterior, a atividade humana se manifesta, mas se ela cria o objeto, continua não havendo interação.

# Terceira abordagem - Interação

- Finalmente uma terceira abordagem, à qual nos filiamos: entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento há uma *interação*. Ou seja, o sujeito que conhece não é mero registrador passivo do objeto; ele exerce um papel ativo no processo de conhecimento, ainda que ele próprio seja resultado dos condicionamentos sociais, o que implica uma visão da realidade com forte presença dos aspectos socialmente transmitidos. Já o objeto mantém sua existência objetiva, independente do sujeito.

# O “lugar” de pertencimento

- O homem vê e percebe a realidade a partir do seu “lugar” de pertencimento.
- Se a alguém ocorre que o homem “fotografa” a realidade, é bom lembrar que é ele quem escolhe o quê e em que perspectiva fotografar.
- Também é ele quem vai revelar essas fotos, escurecendo ou clareando este ou aquele ponto, inserindo figuras por inteiro, ou recortando-as, para torná-las mais adequadas, mais convenientes.

# O resultado

- O resultado de nosso trabalho é, portanto, uma verdade parcial, que se somará a outras, num processo infinito de aproximações ao objeto — a palavra, os discursos —, num processo de acumulação do saber e de aproximação da verdade absoluta, a nosso ver inalcançável.

# A autora por ela mesma

- “A autora do trabalho é um indivíduo/sujeito, resultado dos discursos sociais, com um sistema de referências por ela interpretado, a qual interage com a realidade, apropriando-se dela de acordo com seus valores.
- Trata-se de um *eu* que na verdade é sempre uma pluralidade de vozes sociais — sempre um *nós* — que escreve o trabalho científico. Esse *nós* não é, portanto, o que a gramática da norma padrão chama de “plural de modéstia”; ele é o *nós* dos vários interlocutores do diálogo social, de cujo resultado sai este trabalho”.

# Conclusão

- A concepção de linguagem se vincula à dinâmica da vida social;
- Os sentidos das palavras se vinculam às ações humanas. Logo, toda relação que o indivíduo/sujeito terá com a linguagem passará forçosamente pelo discurso.

# Conclusão

- Qualquer análise apenas interna do texto só conseguirá evidenciar a palavra *dada*. Só o estudo das relações dele com as formações ideológicas/formações discursivas, com as condições de produção do discurso, possibilitará a percepção da palavra *dando-se*, da palavra em movimento na direção do novo.

# Agradecimentos

- Elizabeth Moraes Gonçalves  
[bethmgoncalves@terra.com.br](mailto:bethmgoncalves@terra.com.br)  
[elizabeth.goncalves@metodista.br](mailto:elizabeth.goncalves@metodista.br)